

# OS COMPOSTOS EM SANTOME<sup>1</sup>

Cleide da Encarnação Bomfim<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho teve como finalidade descrever, de forma preliminar, processos composicionais em santome. Para realizar a pesquisa, fez-se a coleta de 70 compostos em santome, utilizando o Dicionário Santome-Português (ARAUJO, HAGEMEIJER, 2013). Os setenta compostos atenderam aos critérios de impenetrabilidade, inseparabilidade e inalterabilidade, sendo previamente consultados a partir do *corpus* eletrônico do santome (HAGEMEIJER et al., 2014) com base em transcrições de registros escritos e orais. Segundo as categorias gramaticais dos itens que formam o composto, observou-se que os compostos em santome têm como resultado final mais frequentemente um nome e se comportam morfossintaticamente como substantivos. No que tange ao acento fonológico, a maioria dos compostos possui ao menos dois acentos fonológicos, podendo apresentar três acentos (*aluvu-sê-fya* ['aluvu 'se 'fja] 'árvore sem folha *Euphorbia tirucalli*'), com exceção apenas de um composto que apresenta somente um acento (*blaga-ubwa* [bla'gubwa] 'insignificante, pobre'). Em termos de padrões de formação composicional dos itens analisados, os compostos foram, majoritariamente, constituídos por justaposição (sem alteração nos componentes e manutenção dos acentos fonológicos) em detrimento da aglutinação (com perda segmental e redução dos acentos fonológicos).

**Palavras-chave:** Língua santome - Composição. Língua santome - Estilo. Língua santome - Formação das palavras.

## ABSTRACT

The purpose of this work was to describe, in a preliminary way, compositional processes in santome. To carry out the research, 70 compounds were collected in santome, using the Santome-Portuguese Dictionary (ARAUJO, HAGEMEIJER, 2013). The seventy compounds met the criteria of impenetrability, inseparability and inalterability, being previously consulted from the santome electronic corpus (HAGEMEIJER et al., 2014) based on transcripts of written and oral records. According to the grammatical categories of the items that make up the compound, it was observed that compounds in Santome more often have a noun as the final result and behave morphosyntactically like nouns. With regard to phonological stress, most compounds have at least two phonological stresses, and may have three stresses (*aluvu-sê-fya* ['aluvu 'se 'fja] 'leafless tree *Euphorbia tirucalli*'), with the exception of only one compound that presents only one accent (*blaga-ubwa* [bla'gubwa] 'insignificant, poor'). In terms of patterns of compositional formation of the analyzed items, the compounds were, mostly, constituted by juxtaposition (without alteration in the components and maintenance of the phonological accents) in detriment of the agglutination (with segmental loss and reduction of the phonological accents).

**Keywords:** Santome language - Composition. Santome language - Style. Santome language - Word formation.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Manuele Bandeira e coorientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shirley Freitas, sob o formato de artigo científico, defendido na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) para a obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Graduada em Letras - Língua Portuguesa, pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

São Tomé e Príncipe (doravante STP) trata-se de um país insular, composto por duas ilhas principais (uma chamada São Tomé, a outra, Príncipe) e várias ilhotas, não possuindo, portanto, fronteiras terrestres, localizando-se no Golfo da Guiné. STP é uma nação com um histórico multilíngue, tendo como língua oficial o português, por isso é integrante da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Além do português, língua materna da maioria da população local, são faladas também três línguas crioulas nativas, a saber: santome ou forro e o angolar, ambos falados em São Tomé, e o lung'le ou principense, falado na ilha do Príncipe. No arquipélago, há uma quarta língua crioula falada, contudo é uma língua alóctone, transplantada durante a *recolonização* das ilhas, no século XX e falada nas ilhas até os dias atuais pelos caboverdianos e descendentes (FREITAS; BANDEIRA; AGOSTINHO, 2021).

A história de emergência das línguas crioulas em STP começa no final do século XV, cerca de duas décadas após a chegada dos portugueses. No período mencionado, a ilha de São Tomé, antes inabitada, é então povoada com sucesso por colonos portugueses e escravizados africanos sequestrados, nessa fase, da região do Delta do Níger, formando-se, assim, uma nova sociedade (HAGEMEIJER, 2009). Nessa primeira fase, chamada de povoamento ou habitação, existiu um contato mais intenso entre colonos e escravizados. Diante disso, houve a necessidade de uma comunicação imediata, havendo de início uma busca por relativa aproximação, por parte dos escravizados, ao código linguístico utilizado pelos povoadores portugueses (HAGEMEIJER, 2009). Por conseguinte, uma nova língua surge a partir do convívio dos africanos escravizados (especialmente da região do delta do Níger onde se falavam línguas edóides) com os colonos portugueses, conhecida como protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG) (BANDEIRA, 2017). Depois do período de formação do PGG, dá-se início à separação geográfica de seus falantes. Parte dos escravizados permanece em São Tomé e outras duas levam-se a ilha do Príncipe e para a ilha de Ano Bom. Em cada território, o PGG passou por processos de especiação, dialetizando-se e ramificando-se de acordo com Bandeira (2017). Desse modo, na ilha do Príncipe, o PGG ganha novos contornos tornando-se o lung'le (Cf. AGOSTINHO, 2015), ao passo

que, na ilha de Ano Bom, o PGG, com o tempo, desenvolve-se, espediando-se em fa d' Ambô (ARAUJO et al, 2013). Em São Tomé, parte dos cativos consegue escapar dos núcleos de colonização, formando comunidades quilombolas onde se desenvolve o angolar, também descendente do PGG. Por fim, escravizados e alforriados que permanecem nos centros de colonização foram os responsáveis pela ramificação do PGG em santome ou forro.

A exemplo de Günther (1973) e Ferraz (1974, 1979), a maioria dos estudiosos das línguas crioulas do Golfo da Guiné tem alegado que o contato linguístico resultante do povoamento de São Tomé teve como consequência mais duradoura o aparecimento de uma (única) língua crioula (HAGEMEIJER, 2009; BANDEIRA, 2017). Em síntese, o PGG, língua crioula que surge no período de habitação em São Tomé, é a língua ancestral dos crioulos nativos que são falados ainda hoje em São Tomé e Príncipe e em Ano Bom. Em que pese o fato de os crioulos mencionados possuírem, em sua totalidade, como base lexical a língua portuguesa, é importante salientar que os mesmos apresentam particularidades, sendo línguas autônomas, apresentando, portanto, ininteligibilidade entre sistemas, ou seja, não há entendimento mútuo entre os falantes dos crioulos de STP. O santome, o objeto do estudo em questão, como o português, possui diferentes mecanismos para a formação de novas palavras, no entanto apesar de ambas as línguas possuírem algumas semelhanças no âmbito morfológico, o santome é uma língua autônoma, portanto apresenta compostos independentes que serão abordados nesse artigo. Essa temática mostra-se relevante na medida em que há poucos estudos que tratem de aspectos morfológicos do santome.

Diante do contexto de multilinguismo predominante em STP, os dados estatísticos apontam que o português ocupa o status de língua oficial, sendo falado por praticamente a totalidade da população. O santome, por sua vez, é a língua crioula que possui maior número de falantes no país e é a mais prestigiada, dentre as nativas (AGOSTINHO, BANDEIRA & FREITAS, 2020). O santome, juntamente com as demais línguas faladas em STP, apresenta o status de língua nacional. Frente ao cenário atual, nota-se que a distribuição geográfica da população interfere diretamente no contexto linguístico do país, nas áreas urbanas o português está mais presente no cotidiano, visto que, por ser a língua oficial, também é utilizada nos veículos de comunicação,

documentos oficiais, dentre outros. *The Word Factbook* estima que cerca de 61% da população ocupe as aglomerações urbanas, enquanto 39% vivem na zona rural (FACTBOOK, 2009). Outro dado que chama atenção é o percentual de falantes do santome, o Censo de 2012 (INE) estima que, do total absoluto de 173.015 habitantes, aproximadamente 36% afirmam ser proficientes em santome. Nestes contornos, fica em evidência o quanto o português influencia a vida cotidiana nos centros urbanos, enquanto o santome perde espaço sobretudo na aquisição como língua materna. Embora as línguas crioulas autóctones estejam perdendo espaço, o santome ainda é falado por um número considerável da população são-tomense. No interior de São Tomé, ainda o santome é muito usado além de ser associado aos costumes tradicionais do grupo forro e empregado em canções tradicionais são-tomenses (BANDEIRA, 2017). Para além de ser uma língua de identidade, o santome é uma língua de resistência política.

## 2 FORMAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS

Por que criamos palavras? Gonçalves (2012, p. 14) responde à pergunta, alegando que há mais de uma razão para justificar os neologismos. A primeira explicação é a necessidade de nomear novas experiências e conceitos inovadores que surgem no cotidiano. Nessas situações, palavras existentes podem ser utilizadas com uma nova significação, palavras estas que foram outrora tomadas de empréstimos de outras línguas. Tais itens são tão corriqueiros que, às vezes, só nos damos conta de que os mesmos são frutos de empréstimos quando precisamos grafá-los e, ainda assim, o empréstimo só é observado se suas formas gráficas apontarem para uma inserção anterior, como **abajur**. Em contrapartida, nem sempre a grafia é um indicativo como é o caso de **tapioca**, palavra de étimo tupi que não apresenta vestígios gráficos marcantes ao ponto de causar estranhamento ao falante (VIARO, 2011).

Outra situação discutida por Gonçalves é que há várias novas palavras que foram criadas em português a) a partir de necessidades que foram surgindo como **covidário** “área, em hospital ou outra instituição de saúde, preparada para o

atendimento e tratamento de doentes com COVID-19”, b) a partir de palavras já existentes como **deletar** em vez de **apagar** ou **eliminar** e c) também com base em termos existentes para nomear um conceito novo a exemplo de **contatinho** derivado de *contato* (novo termo usado para se referir aos contatos que se tomam para situações ocasionais, como para fins amorosos). No cotidiano, muitas vezes, sem perceber, criamos novas palavras para suprirmos uma necessidade momentânea ou, até mesmo, para enfatizar algo. Nessas criações, muitas vezes inesperadas, o falante, em geral, não está consciente de regras que estão presentes em gramáticas prescritivas, mas isso não quer dizer que as mesmas não existam. Pelo contrário, os falantes obedecem às regras presentes em padrões e estruturas da língua que, por sua vez, possibilitam as criações lexicais. Segundo Basílio (2011), tais criações e regras envolvidas no processo pertencem ao léxico interno ou mental de todo indivíduo. Isso se dá pelo fato de que há, em todas as línguas, a possibilidade de incorporar ao seu léxico novas palavras, pois a língua não é um sistema estático, engessado que não possibilite mudanças, logo a mudança e variação não só são possíveis, como esperadas.

Línguas naturais possuem diversos mecanismos de combinação dos morfemas, dentre eles configuram-se a flexão e a derivação. Na flexão, não se tem o surgimento de novas palavras, há a distinção de categorias gramaticais como número e gênero, já no processo de derivação há mecanismos que viabilizam a criação de novas palavras. O presente estudo tratará, com especial atenção, do processo de composição em português. Após discutir, de maneira geral, o fenômeno do neologismo, iremos, na próxima subseção, tratar desse mecanismo de natureza derivacional como os compostos.

## 2.1 COMPOSIÇÃO

A composição é um processo morfológico em que novas palavras são criadas a partir de duas ou mais palavras simples ou radicais que resultam em uma palavra composta com significado distinto (BECHARA, 2009, p. 355), a exemplo do item “beija-flor” (beija + flor), que é um substantivo utilizado para nomear um pássaro da fauna brasileira que se alimenta do néctar das flores. A palavra é composta pelo verbo

“beijar” e pelo substantivo “flor”. Podemos perceber que o composto resultante é um substantivo cujo significado é distinto das duas palavras isoladas (beija e flor) que o compõem. No que diz respeito à apresentação gráfica, os compostos podem surgir sob diversas formas: graficamente ligados como em **aguardente**, ligados por hífen como em **pé-de-moleque** ou soltos como em **São Luís**.

Lieber & Stekauer (2011) levantam uma questão básica: como podemos definir um composto? Os autores relembram os parâmetros mais empregados para distingui-los, parâmetros estes como, por exemplo, o acento fonológico. O acento também é um critério apontado por Lee (1997) como relevante para o português brasileiro (PB). Assim, os compostos podem carregar mais de um acento fonológico, enquanto a palavra não composta carrega apenas um no PB. Além disso, outros critérios também são usados para distinção de compostos, a saber: impenetrabilidade, inseparabilidade e inalterabilidade sintática. Quando falamos em **impenetrabilidade**, nos referimos à impossibilidade de introduzir elementos entre os constituintes. Já a **inseparabilidade** diz respeito ao fato de os elementos serem inseparáveis, logo qualquer tipo de alteração pode causar uma alteração semântica, ou seja, mudança ou ausência de sentido. Por fim, a **inalterabilidade sintática** quer dizer que não pode haver alteração nos constituintes, visto que os sintagmas são fixos, possuem entre si uma relação de dependência e ordem. Os exemplos em português a seguir demonstram que o elemento composto perde o sentido ao interferir nestas regras de impenetrabilidade, inseparabilidade (ambos exemplificados em ((c)) e inalterabilidade sintática (em (b)):

- a) Cachorro-quente “comida, lanche”
- b) Quente cachorro
- c) \*Cachorro muito quente

Nos exemplos acima, a palavra composta ‘cachorro-quente’ é a denominação para uma comida em que se coloca salsicha dentro de um pão. No entanto quando há alteração da ordem ou se acrescenta algum item, perde-se o valor semântico, de modo que deixa de ser uma palavra composta, podendo ser uma locução, sentença e etc. Quando se diz ‘cachorro muito quente’, não se está mais fazendo referência ao lanche.

Ainda tentando chegar a uma definição de compostos, Danalies (2004: 76, *apud* LIEBER E STEKAUER, 2011, p. 05) analisa as construções germânicas, românicas, eslavas e gregas modernas, postulando, assim, dez critérios. Primeiramente, os compostos são complexos, ou seja, são formados por dois ou mais constituintes morfológicos. Em segundo lugar, são formados sem afixos de formação de palavras, ou seja, não são palavras derivadas por afixação. Em terceiro lugar, compostos são grafados juntos, ou seja, como a palavra composta assume o papel de palavra única, sua grafia não perde essa característica. Lieber & Stekauer (2011), por sua vez, descartam a grafia como formas de distinção de compostos, citando a “inconsistência” da grafia do inglês como exemplo para o não uso desse critério, pois alguns compostos estão institucionalizados graficamente. Ou seja, segundo Lieber & Stekauer (2011, p. 41), embora alguns compostos em inglês sejam escritos como palavras únicas ou utilizando-se hífen, essa regra não é rígida por não abarcar todos os compostos que seriam “notoriamente inconsistentes” em termos gráficos. Esse mesmo autor traz como exemplo as palavras compostas: *postcard* “cartão postal” como exemplo de palavras únicas em termos de grafia; *sound-wave* “onda sonora” (como exemplo de compostos hifenizados); por fim, *blood bank* “banco de sangue”, *game ball* “bola de jogo”, como exemplos de compostos em que seus constituintes são espaçados, ou seja, grafados como duas palavras separadas. Em vista disso, a grafia não seria um critério seguro para distinguir compostos. Contrapondo à ideia trazida anteriormente e reafirmando a questão de que não há critérios únicos que possam caracterizar compostos, Lieber & Stekauer (2011) nos dizem que, em tcheco e eslovaco, a grafia pode sim ser usada como critério de determinação de palavras compostas, já que todos os compostos são escritos como uma única palavra, enquanto as locuções sintáticas são escritas como palavras separadas. Todavia, os autores ponderam a afirmação anterior, alertando para não precipitação, ou seja, nenhum critério de determinação e caracterização de composto deve ser tomado como absoluto, excepcional ou inigualável, pois, como já foi dito, não há estudos que suportem definições dessa natureza. Assim os autores admitem que devem existir critérios de determinação de compostos, critérios estes que levam os falantes a escrever uma sequência como uma palavra, em vez de duas. Contudo, “a grafia não pode ser tomada como um critério de

composição, porque reflete apenas secundariamente a situação na língua falada” (LIEBER E STEKAUER, 2011, p. 7; tradução nossa).

Ademais, compostos têm um padrão de acento específico e incluem elementos de ligação. Sobre essa questão, em nossos estudos, não há possibilidade de inserir entre os constituintes um novo elemento, sem que haja assim uma alteração semântica. De forma análoga, Lee (1997) cita algumas características que diferenciam os compostos de palavras comuns em português como: os compostos pós-lexicais (pseudocompostos) podem carregar dois acentos, permitem flexão entre constituintes (marcação de plural, formação derivacional e até mesmo flexão reincidente, ou seja, ocorrendo mais de uma vez). No exemplo dado como composto verdadeiro, nota-se que, ao flexionar para o plural, o composto ‘guarda-chuva’ flexiona apenas o segundo item, de igual modo ocorre quando é derivado para o diminutivo que fica ‘guarda-chuvinha’, portanto o composto não apresenta operações morfológicas de forma independente. Por outro lado, no exemplo do pseudocomposto, nota-se que, quando ocorre a flexão para o plural, os dois itens sofrem alteração, admitindo assim operações morfológicas entre seus elementos. Contrapondo essa ideia, Moreno (1997, 2002, *apud* SILVA, 2010, p. 52) usa como argumento a “flutuação que esses compostos apresentam quanto ao seu uso”. Em outras palavras, os falantes nativos não se mostram seguros totalmente no momento de flexionar tais compostos.

De acordo com Lieber & Stekauer (2011), os compostos são sintaticamente inseparáveis. Essa definição nos remete as já mencionadas ideias de impenetrabilidade, inseparabilidade e inalterabilidade para fazer distinção de compostos. Compostos são ilhas sintáticas e semânticas. Tal característica diz respeito ao arranjo das palavras e suas significações. Como há uma relação de dependência e ordem entre as palavras compostas, não se permitem assim alterações na estrutura da mesma, sem que gere uma perda semântica.

A reavaliação morfológica de compostos pode ocorrer em um dado ponto da língua, de modo que palavras consideradas compostas no passado atualmente podem ser consideradas vocábulos simples. Rocha (2008) defende que há exemplos de vocábulos no português que se analisados sob o ponto de vista diacrônico são considerados compostos como **planalto (plano + alto)**, mas se analisados sob o ponto

de vista sincrônico são considerados vocábulos simples. Monteiro (2002) ressalta que muitos exemplos de palavras ditas compostas por aglutinação (**aguardente, planalto**) são na verdade vocábulos simples no estágio atual da língua.

Após discutir compostos em estudos que tomam o português e outras línguas como escopo, traremos uma breve discussão sobre formação de compostos em línguas crioulas de base lexical portuguesa como o kabuverdianu e o lung'Ie. No quadro 1, há exemplos de palavras criadas através dos processos neológicos, em que há a formação de palavras novas pelo processo composicional.

**Quadro 1** - Exemplos de itens formados por composição<sup>3</sup> em lung'Ie e kabuverdianu.

ITEM 1	ITEM 2	ITEM COMPOSTO
<i>Livu</i> (LU) “livro” (N)	<i>Dêsu</i> (LU) “Deus” (N)	<i>Livu-dêsu</i> (LU) “bíblia” (N)
<i>Guárda</i> (KV) “guardar” (V)	<i>Kumida</i> (KV) “comida” (N)	<i>Guárda-kumida</i> (KV) “despensa” (N)
<i>Guárda</i> (KV) “guardar” (V)	<i>Kabés</i> (KV) “cabeça” (N)	<i>Guárda-kabés</i> (KV) “festa sincrética, pagã, celebrada pelos pais, padrinhos e amigos, normalmente sete dias depois do nascimento da criança” (N)

Fonte: adaptado de FREITAS, BANDEIRA, 2016, p. 251.

Através desses exemplos, podemos constatar a existência de formação de compostos em línguas crioulas de base lexical portuguesa do Golfo da Guiné, como o lung'Ie, e da Alta Guiné, como o kabuverdianu. No Quadro 1, observamos que, ainda que constituídos por verbos como no caso dos exemplos em kabuverdianu (KV), todos os compostos têm como resultado um nome.

<sup>3</sup> Lung'Ie – LI, Kabuverdianu – KV. Nome – N. Verbo – V.

**Quadro 2** - Compostos em guineense de acordo com a categoria gramatical

Composto/Glosa	1ª palavra composta/Categoria gramatical	2ª palavra composta/ Categoria gramatical
<i>Bilheti di identidade</i> (N) “documento que permite ao portador provar sua identidade”	<i>Bilheti</i> “pedaço de papel” S.	<i>Di identidade</i> “conjunto dos caracteres de uma pessoa que permite a sua identificação” <b>Prep. + S.</b>
<i>Buraku di naris</i> (N) “narina”	<i>Buraku</i> “buraco” S.	<i>Di naris</i> “nariz” <b>Prep. + S.</b>
<i>Abri-boka</i> (N) “instrumento cirúrgico usado para manter a boca aberta”	<i>Abri</i> “abrir” V.	<i>Boka</i> “entrada do aparelho digestivo” S.
<i>Abri-vale</i> (N) “gerente; fiador”	<i>Abri</i> “abrir” V.	<i>Vale</i> “depressão de terreno” S.
<i>Bibi di djikindur</i> (V) “embriagar-se severamente”	<i>Bibi</i> “engolir um líquido” V.	<i>Di djikindur</i> “rato ladrão” <b>Prep. + S.</b>
<i>Dona kasa</i> (N) “a primeira mulher de um marido polígamo”	<i>Dona</i> “título concedido às senhoras de família” S.	<i>Kasa</i> “casa” S.
<i>Guarda di kurpu</i> (N) “Amuleto; talismã”	<i>Guarda</i> “efeito de guardar” S.	<i>Di kurpu</i> “parte física dos seres animados; organismo humano” <b>Prep.+ S.</b>
<i>Mama di bunda</i> (N) “Nádegas”	<i>Mama</i> “órgão glandular característico dos mamíferos” S.	<i>Di bunda</i> “região glútea; as nádegas” / <b>Prep. + S.</b>

Fonte: XXXX, p. XX.

O Quadro 2, por seu turno, apresenta exemplos de palavras compostas em guineense, em que itens catalogados apresentam como resultado final nomes, com exceção de um verbo, reforçando a peculiaridade dessa língua, comprovada por meio de processos fono-morfológicos.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo tomou como base o dicionário santome-português (ARAÚJO, HAGEMEIJER, 2013) e o estudo de Ferraz (1979). Diante da impossibilidade de realizar uma pesquisa de campo, utilizamos como meio para consulta os *corpora* CPQweb da CLUL que abrange, dentre outros *corpora*, o *corpus* eletrônico do santome (HAGEMEIJER *et al.*, 2014). Para esta pesquisa, foram coletados setenta compostos utilizando, para esse fim, o dicionário (ARAÚJO; HAGEMEIJER, 2013). Salientamos que esta quantidade coletada atende a uma finalidade exclusivamente de natureza amostral, portanto não se tratou de uma coleta exaustiva, isto é, levantando-se todos os compostos do dicionário. Não havendo a possibilidade de analisarmos todos os compostos existentes em santome neste artigo, optamos por colher um conjunto de itens que permitissem uma análise, ainda que incipiente. Por utilizarmos uma ferramenta bibliográfica, isso possibilitou fazer a tradução efetiva dos vocábulos, bem como realizarmos a análise de dados de forma elucidativa, categorizando e descrevendo os itens. A consulta ao *corpus* eletrônico do santome (HAGEMEIJER *et al.*, 2014) foi importante para observar o comportamento dos compostos na sentença, analisando se haveria assim possibilidades de o composto ter algum constituinte elidido sem prejuízo semântico ou se houve contextos de intercalação de elementos no interior do composto ou inversão da ordem.

Na obra “The Creole of São Tomé” de Luis Ivens Ferraz (1979), na pequena seção em que os compostos em santome são mencionados, Ferraz (1979, p. 58-60) trata como equivalentes itens frutos de reduplicação parcial e compostos: “Compostos podem ser usados para enfatizar agrupamentos numéricos como em: *do~dosu* (dois-dois) ‘ambos’ / *ne tles-tlesi* (eles três-três) ‘os três deles’” (FERRAZ, 1979, p. 59, tradução nossa). Tal equivalência procede? Antes de responder à questão, quer para corroborar quer para refutar a equivalência, considerou-se essencial compreender minimamente os fenômenos de reduplicação, composição e, adicionalmente, os ideofones, tendo em vista que são apresentados no dicionário graficamente hifenizados, sendo um sinal ainda que frágil de semelhança com os compostos em santome.

No que diz respeito aos ideofones, existem na literatura diferentes concepções, este fato se dá devido a sua complexidade. Doke (1935: 118-9; tradução nossa), por exemplo, descreve o ideofone como sendo “uma representação vívida de uma ideia através do som. Uma palavra, comumente onomatopaica, que descreve um predicado, um qualitativo ou um advérbio em relação ao seu modo, cor, som, cheiro, ação, estado ou sua intensidade”. Embora este seja um conceito abrangente, é possível diferenciar os ideofones de outras categorias através de características específicas. Apesar da possibilidade de apresentarem formas reduplicadas, este é um fenômeno distinto da reduplicação, pois ideofones são em geral formas presas a uma unidade lexical, ou seja, só podem aparecer com determinados itens. Logo, há uma relação intrínseca de exclusividade unilateral do ideofone com a dada palavra.

- 1) *Bega* ‘barriga’            *txintxin* ‘ideofone’ (santome)  
*Bega-txintxin* ‘barrigão’

No exemplo em (1), o ideofone *txintxin* está numa relação de dependência com o nome *bega*. Os ideofones podem ocupar, dentre outras funções, a função de qualificador ou intensificador, em (1), *bega* funciona como forma livre e junto com o ideofone, forma dependente, significa ‘barrigão’.

A reduplicação, por sua vez, pode ser entendida como a repetição parcial ou total de segmentos de uma palavra, sendo essa repetição com a finalidade de produzir um novo vocábulo (BANDEIRA; FREITAS, 2012, p. 326). Ocorre a repetição da palavra-base, no entanto estas formas reduplicadas são independentes, possuindo valor semântico e lexical mesmo não estando associadas a uma palavra-base. Como vemos em (2):

- 2) *Vede* ‘verdadeiro’ (palavra-base) (santome)  
*Vede-vede* ‘verdadeiramente’ (forma reduplicada)

Conforme a definição apresentada, a repetição dos elementos pode ocorrer de forma total ou parcial, no exemplo apresentado em (2), ocorre a repetição total dos

elementos, exercendo uma função semântica semelhante àquela dos ideofones, mas se distinguindo por suas particularidades. Os ideofones de forma geral não possuem valor semântico e lexical se não estiverem em coocorrência com a palavra-base. Com os itens passíveis de serem reduplicados, por seu turno, há valores semântico e lexical independentemente de as formas estarem reduplicadas ou não. O ponto, portanto, que distingue a reduplicação e o ideofone da composição - o nosso escopo efetivamente - são as singularidades relativas aos comportamentos morfossintáticos e semânticos de cada processo. Contudo, é preciso salientar o ponto convergente: todos os fenômenos são mecanismos de formação de palavras e/ou distinção lexical presentes em santome. No processo de composição, entretanto, há a junção de formas livres da língua, mas não há a repetição dos constituintes que compõem o novo vocábulo, diferentemente dos demais processos citados. Desse modo, destacamos que, entre as etapas de coleta e análise de dados, os ideofones, formas dependentes, e itens reduplicados foram excluídos do catálogo, pois não atendiam aos critérios mínimos necessários para o objetivo desta pesquisa. Assim, as divergências apontadas serviram como critérios de exclusão da análise a fim de garantir um estudo que contemplasse apenas itens formados por composição em santome.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS

No que tange à estrutura dos compostos, distribuímos os dados em três categorias conforme demonstrado no Quadro 3, portanto, a análise se deu por etapas para que cada classe dos vocábulos fosse examinada quanto a sua categoria. A seguir, constam os itens que compõem o *corpus*, separados por estrutura e com seus respectivos significados:

Quadro 3 - Compostos categorizados em santome

	Nome	Glosa	Estrutura
1	<i>Aliba-guya</i>	'folha-agulha'	N + N
2	<i>Aliba-kasô</i>	'capim-de-burro', 'erva-cão'	N + N
3	<i>Alima-plêdidu</i>	'alma penada'	N + ADJ.
4	<i>Aluvu-sê-fya</i>	'árvore-sem-folha <i>Euphorbia tirucalli</i> '	N + PREP. + N
5	<i>Amolê-pesadu</i>	'manta a base de retalhos'	N + N
6	<i>Anzu-dêsu</i>	'bebê'	N + N
7	<i>Anzu-mama</i>	'recém-nascido'	N + N
8	<i>Awa-bôbô</i>	'nascente de água'	N + ADJ.
9	<i>Awa-boka</i>	'saliva', 'baba'	N + N
10	<i>Awa-flêbê</i>	'água mineral gasosa'	N + V
11	<i>Awa-fumadu</i>	'dique'	N + ADJ.
12	<i>Awa-kobo</i>	'poço escavado'	N + V
13	<i>Awa-lôdô</i>	'charco', 'lagoa'	N + N
14	<i>Awa-matu</i>	'enchente'	N + N
15	<i>Awa-po</i>	'esperma'	N + N
16	<i>Awa-wê</i>	'lágrima'	N + N
17	<i>Axa-mon</i>	'antebraço'	N + N
18	<i>Axa-mon</i>	'braço'	N + N
19	<i>Aza-pixi</i>	'barbatana'	N + N
20	<i>Bagu-d'ovu</i>	'testículo'	N + PREP. + N
21	<i>Basu-d'ite</i>	'baixo-ventre'	N + PREP. + N
22	<i>Basu-mon</i>	'axila', 'sovaco'	N + N
23	<i>Basu-son</i>	'cave'	N + N
24	<i>Basu-wê</i>	'pálpebra'	N + N
25	<i>Baxa-xinadu</i>	'abaixo-assinado'	N + ADJ.
26	<i>Baxa-zawa</i>	'urinol'	N + N
27	<i>Batê-mon</i>	'festa tradicional'	N + N
28	<i>Beba-min</i>	'pelos púbicos da puberdade', 'barba de milho'	N + N
29	<i>Bega-d'ope</i>	'batata da perna', barriga da perna	N + PREP. + N
30	<i>Bega-kolê</i>	'diarreia'	N + V
31	<i>Bega-lanka</i>	'aborto'	N + V
32	<i>Bega-môvê</i>	'aborto'	N + V
33	<i>Bega-ni-son</i>	'barriga-no-chão'	N + PREP. + N

34	<i>Bega-pampôlê</i>	‘esquistossomose’	N + N
35	<i>Bisu-d’aza</i>	‘pássaro’	N + PREP. + N
36	<i>Blaga-ubwa</i>	‘insignificante’	V + N
37	<i>Bodo-boka</i>	‘lábios’	N + N
38	<i>Bodo-matu</i>	‘excrementos’	N + N
39	<i>Boka-doxi</i>	‘lisonjeador’	N + ADJ.
40	<i>Boka-fede</i>	‘mau hálito’	N + V
41	<i>Boka-plê</i>	‘boca da praia’	N + N
42	<i>Dadô-patxi</i>	‘denunciante’	N + N
43	<i>Dadô-soya</i>	‘contador de histórias’	N + N
44	<i>Dja-d’anu</i>	‘aniversário’	N + PREP. + N
45	<i>Dwentxi-bluku</i>	‘doença incurável’	N + ADJ.
46	<i>Fala-tende</i>	‘boato’	N + V
47	<i>Fedô-bem</i>	‘benfeitor’	N + ADV
48	<i>Fêsu-basôla</i>	‘união’	N + N
49	<i>Fêsu-basôla</i>	‘vassoura tradicional’	N + N
50	<i>Fi-tlaxi</i>	‘coluna vertebral’	N + N
51	<i>Fitxin-flôgô</i>	‘ilusão da vida’	N + N
52	<i>Fono-neembo</i>	‘toca de morcego’	N + N
53	<i>Fulu-dentxi</i>	‘cárie’	N + N
54	<i>Fulu-poto</i>	‘buraco da fechadura’	N + N
55	<i>Fyo-glosu</i>	‘frieira’, ‘pneumonia’, ‘resfriamento agudo’	ADJ. + ADJ.
56	<i>Gwada-liolu</i>	‘guarda-livro’	N + N
57	<i>Gwada-liolu</i>	‘contabilista’	N + N
58	<i>Kabaku-lixí</i>	‘catarro seco’	N + N
59	<i>Kabêsa-dêfuntu</i>	‘caveira’	N + N
60	<i>Kabêsa-kôlê</i>	‘pensamento’, ‘preocupação’	N + V
61	<i>Tapa-wê</i>	‘bofetada’	V + N
62	<i>Xinta-kadela</i>	‘ancas’	N + N
63	<i>Tiyu-nglandji</i>	‘tio-avô’	N + ADJ.
	<b>Adjetivos</b>	<b>Glosa</b>	<b>Estrutura</b>
64	<i>Bêbidu-awa</i>	‘envelhecido’	ADJ. + N
65	<i>Boka-doxi</i>	‘pessoa com apetite’	N + ADJ.
66	<i>Boka-suzu</i>	‘boçal’	N + ADJ.
67	<i>Ubwê-betu</i>	‘desandado’, ‘desligado’	N + ADJ.
68	<i>Olha-lizu</i>	‘obstinado’, ‘teimoso’	N + ADJ.

69	<i>Ngê-gôdô</i>	'influente', 'poderoso'	N + ADJ.
	<i>Advérbio</i>	<b>Glosa</b>	<b>Estrutura</b>
70	<i>Aman-pasa</i>	'depois de amanhã'	ADV + V

De acordo com Margotti & Margotti (2011, p.129), os compostos apresentam estruturas muito diversificadas, fato demonstrado pelas diferentes estruturas encontradas, do total coletado, foram categorizados sessenta e três nomes, seis qualificadores ou adjetivos e um advérbio, salientando que todos os compostos em santome são graficamente separados por hífen. Quanto aos nomes, estão estruturados das seguintes formas: N + N, N + V, N + ADJ, N + PREP + N, V + N, ADJ + ADJ e ADV + V. Para tanto, temos trinta e seis compostos estruturados em N + N (nome + nome), como vemos abaixo:

3) *Aliba-Guya* 'folha-agulha'

*Aliba* 'folha' (nome)

*Guya* 'agulha' (nome)

4) *Basu-wê* 'pálpebra'

*Basu* 'baixo' (nome)

*Wê* 'olho' (nome)

Estruturados em N + V (nome + verbo), temos oito vocábulos compostos, como em:

5) *Awa-kobo* 'poço escavado'

*Awa* 'água' (nome)

*Kobo* 'cavar' (verbo)

6) *Fala-tendê* 'boato'

*Fala* 'palavra' (nome)

*Tendê* 'ouvir' (verbo)

Estruturados em N + ADJ (nome + adjetivo), temos sete compostos, a exemplo de:

7) *Alima-plêdidu* 'alma penada'

*Alima* 'alma' (nome)

*Plêdidu* 'perdido' (adjetivo)

8) *Tyiu-nglandji* 'Tio-avô'

*Tyiu* 'tio' (nome)

*Nglandji* 'grande' (adjetivo)

Estruturados em N + PREP + N (nome + preposição + nome), temos sete compostos, abaixo apresentamos alguns exemplos:

9) *Bega-ni-son* 'barriga-no-chão' (erva)

*Bega* 'barriga' (nome)

*Ni* 'em' (preposição)

*Son* 'chão' (nome)

Estruturados em V + N (verbo + nome), temos dois compostos:

10) *Blaga-ubwa* 'insignificante'

*Blaga* 'desfazer' (verbo)

*Ubwa* 'tapume' (nome)

11) *Tapa-wê* 'bofetada'

*Tapa* 'tapar' (verbo)

*Wê* 'frente', 'olho' (nome)

E nas estruturas ADJ + ADJ (adjetivo + adjetivo) e N + ADV (nome + advérbio), encontramos um exemplo de cada:

12) *Fyo-glosu* 'frieira', 'pneumonia', 'resfriamento agudo'

*Fyo* 'frio' (adjetivo)

*Glosu* 'duro', 'forte' (adjetivo)

13) *Fedô-bem* 'benfeitor'

*Fedô* 'fazedor' (nome)

*Bem* 'bem' (advérbio)

Comprovando a afirmação de Margotti & Margotti (2011) sobre a variação na estrutura, temos ainda os compostos que são adjetivos, com esta característica localizamos seis vocábulos, sendo cinco estruturados em N + ADJ (nome + adjetivo) e um em ADJ + N (adjetivo + nome), além de encontrarmos também um advérbio, estruturado em ADV + V (advérbio + verbo). No caso dos adjetivos, temos os seguintes exemplos:

14) *Ngê-gôdô* 'influyente', 'poderoso'

*Ngê* 'gente' (nome)

*Gôdô* 'abastado', 'importante' (adjetivo)

15) *Bêbidu-awa* 'envelhecido'

*Bêbidu* 'bêbado' (adjetivo)

*Awa* 'água' (nome)

E, por fim, temos exemplo do advérbio:

16) *Aman-passa* 'depois de amanhã'

*Amanha* 'amanhã' (advérbio)

*Pasa* 'ocorrer' (verbo)

Neste caso específico do advérbio, observamos que houve uma perda segmental do primeiro constituinte que de *amanha* passa a *aman* no composto. No processo de composição as combinações são feitas por duas ou mais formas livres, ou seja, formas independentes que, mesmo perdendo elementos, oferecem indícios da palavra da qual se originaram (XXXX, XXXX). Desse modo, o apagamento segmental é previsto em formação de compostos embora em santome não tenha sido um padrão.

Ao considerarmos os dados em análise sob uma perspectiva semântica, observamos que os compostos possuem uma associação entre o significado individual de cada item e o significado final do composto em questão. A título de exemplo, na palavra *alima-plédidu* ‘alma penada’, *alima* refere-se à aparição sobrenatural de uma pessoa morta, a palavra *plédidu* diz respeito a algo que se perdeu. É notória, portanto, a relação existente entre o significado dos itens independentes e, posteriormente na composição, tendo em vista que *alima-pledidu*, em santome, significa alma que está perdida, vagando. Semelhantemente, em santome, há a palavra *baxa-zawa* ‘urinol’, em que *baxa* refere-se a uma vasilha ou bacia e *zawa* significa urina, sendo o urinol um recipiente para urinar, elucidando a relação semântica entre os componentes. Contudo, nem sempre a associação semântica é evidente entre o significado dos componentes e o significado do composto como um todo, como ocorre, por exemplo, na palavra *bêbidu-awa* ‘envelhecido’, em que *bêbidu* faz alusão a uma pessoa ébria, embriagada em conjunto com *awa* ‘água’. Outra possibilidade de interpretação do composto é ter havido um processo de ampliação semântica e metaforização subsequente em que *bêbidu-awa* remetia inicialmente a água que já foi bebida. Desse modo, a composição se referia a algo que já foi consumido implicando o comprometimento da salubridade e frescor do item. Posteriormente, pode-se conjecturar que o significado foi ampliado para qualquer elemento envelhecido em santome.

Assim no contexto semântico, pudemos observar que conforme a necessidade de formação de novas palavras, diferentes relações de significado foram surgindo, como a mencionada metáfora. Guedelha (2011, p. 55) afirma que a metaforização constitui um riquíssimo mecanismo de formação de palavras. Formação essa não no sentido de criação de uma nova palavra do princípio, mas do uso de uma palavra já

existente em um novo enquadramento semântico. Em suma, “metaforizar” é um ato que se apresenta em todas as esferas da sociedade, por ser algo relativamente simples, está presente na vida cotidiana, como Sardinha (2007, p. 22) descreve: “[metáfora] é a transferência de sentido de uma coisa para outra”. São exemplos de metaforização no português brasileiro palavras como *pé-de-moleque*, que indica o pé de uma criança, no entanto é um termo utilizado também para designar um doce. No termo *braço da cadeira*, braço significa membro superior do corpo humano, mas neste caso quer dizer suporte lateral de um assento. De maneira análoga, observando os compostos em santome podemos citar exemplos como *fêsu-basôla* ‘vassoura tradicional’, em que *fêsu* significa ‘feixe’ e *basôla* ‘vassoura’. Para além do significado concreto deste composto, há também outra referência: ‘união’, pois *fêsu* faz alusão a algo que está atado, unido, emergindo assim a metáfora. Ainda de maneira similar, no vocábulo *fono-neembo* ‘toca de morcego’, em que se tem *fono* ‘forno’ e *neembo* ‘morcego’, é notório que um forno não tem relação literal com uma “casa de morcego”, mas há uma relação metafórica, a partir da analogia entre o formato e aspectos termodinâmicos como o calor do forno e de uma toca onde ficam os morcegos.

Temos ainda exemplos como *awa-pô* ‘esperma’, em que *awa* significa ‘água’ e *pô* ‘pênis’, nesse caso em sentido literal, o significado seria ‘água de pênis’, entende-se que este termo faz alusão ao sêmen. Em *bega-min* ‘pelos pubianos’ ou ‘barba de milho’, há também uma analogia a partir da semelhança existente entre pelos pubianos e a parte do milho conhecida como barba de milho, concomitantemente, este termo pode ser utilizado para se referir aos pelos pubianos, uma vez que, em muitas culturas, há o pudor social de pronunciar nomes referentes à sexualidade e à anatomia humana.

A metaforização, como se pôde notar, é um mecanismo constantemente utilizado para criação de novas palavras, independentemente do processo de formação, seja por meio de analogia ou eufemismo. Comprovadamente, este fenômeno está presente em muitos outros vocábulos do santome, confirmando o *status* de língua natural, autônoma como qualquer outra que utiliza todos os mecanismos necessários para atingir o máximo de eficiência comunicativa.

Com a finalidade de fundamentar o ponto de vista acerca da temática, analisamos os compostos catalogados, a partir dos critérios discutidos anteriormente

(LEE, 1997; LIEBER, STEKAUER, 2011), a saber: impenetrabilidade, inseparabilidade, inalterabilidade sintática e acento fonológico (ver Quadro 4).

**Quadro 4 - Propriedades dos compostos<sup>4</sup>**

	<b>Nome</b>	<b>Impenetrabilidade</b>	<b>Inseparabilidade</b>	<b>Inalterabilidade</b>	<b>Acento</b>
1	<i>Aliba-guya</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
2	<i>Aliba-kasô</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
3	<i>Alima-plêdidu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
4	<i>Aluvu-sê-fya</i>	Sim	Sim	Sim	Três
5	<i>Amolê-pesadu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
6	<i>Anzu-dêsu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
7	<i>Anzu-mama</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
8	<i>Awa-bôbô</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
9	<i>Awa-boka</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
10	<i>Awa-flêbê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
11	<i>Awa-fumadu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
12	<i>Awa-kobo</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
13	<i>Awa-lôdô</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
14	<i>Awa-matu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
15	<i>Awa-po</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
16	<i>Awa-wê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
17	<i>Axa-mon</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
18	<i>Axa-mon</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
19	<i>Aza-pixi</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
20	<i>Bagu-d'ovu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
21	<i>Basu-d'ite</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
22	<i>Basu-mon</i>	Sim	Sim	Sim	Dois

<sup>4</sup> Os setenta compostos avaliados a partir dos critérios de impenetrabilidade, inseparabilidade e inalterabilidade foram previamente consultados a partir do *corpus* eletrônico do santome (HAGEMELJER et al., 2014) com base em transcrições de registros escritos e orais. Por conseguinte, destacamos a necessidade de ampliação futura dos dados, de preferência que sejam coletados e reunidos a partir de entrevistas e testes dinâmicos in loco com falantes de santome, para que afirmações mais precisas possam ser dadas a respeito do fenômeno na dada língua.

23	<i>Basu-son</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
24	<i>Basu-wê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
25	<i>Baxa-xinadu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
26	<i>Baxa-zawa</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
27	<i>Batê-mon</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
28	<i>Beba-min</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
29	<i>Bega-d'ope</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
30	<i>Bega-kolê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
31	<i>Bega-lanka</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
32	<i>Bega-môvê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
33	<i>Bega-ni-son</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
34	<i>Bega-pampôlê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
35	<i>Bisu-d'aza</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
36	<i>Blaga-ubwa</i>	Sim	Sim	Sim	Um
37	<i>Bodo-boka</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
38	<i>Bodo-matu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
39	<i>Boka-doxi</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
40	<i>Boka-fede</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
41	<i>Boka-plê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
42	<i>Dadô-patxi</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
43	<i>Dadô-soya</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
44	<i>Dja-d'anu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
45	<i>Dwentxi-bluku</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
46	<i>Fala-tende</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
47	<i>Fedô-bem</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
48	<i>Fêsu-basôla</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
49	<i>Fêsu-basôla</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
50	<i>Fi-tlaxi</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
51	<i>Fitxin-flôgô</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
52	<i>Fono-neembo</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
53	<i>Fulu-dentxi</i>	Sim	Sim	Sim	Dois

54	<i>Fulu-poto</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
55	<i>Fyo-glosu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
56	<i>Gwada-livlu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
57	<i>Gwada-livlu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
58	<i>Kabaku-lixu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
59	<i>Kabêsa-dêfuntu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
60	<i>Kabêsa-kôlê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
61	<i>Tapa-wê</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
62	<i>Xinta-kadela</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
63	<i>Tiyu-nglandji</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
	<b>Adjetivos</b>				
64	<i>Bêbidu-awa</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
65	<i>Boka-doxi</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
66	<i>Boka-suzu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
67	<i>Ubwê-betu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
68	<i>Olha-lizu</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
69	<i>Ngê-gôdô</i>	Sim	Sim	Sim	Dois
	<b>Advérbio</b>				
70	<i>Aman-pasa</i>	Sim	Sim	Sim	Dois

Quanto aos testes estabelecidos para testagem dos compostos, o critério de flexão do plural não se aplica ao santome, pois, no mencionado crioulo, não há marcação de plural expressa por desinência. No entanto, em relação aos demais critérios citados pelos teóricos como, por exemplo, *impenetrabilidade*, *inseparabilidade* e *inalterabilidade sintática*, estes foram parâmetros aplicados aos dados coletados. Desse modo, os compostos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa não demonstram permitir a introdução de elementos entre os constituintes, sendo inseparáveis, ou seja, havendo qualquer deslocamento dos constituintes, modifica-se ou perde-se o significado original. Os itens analisados são inalteráveis, pois seus constituintes apresentam ordem fixa. No que tange ao acento fonológico, semelhantemente ao que ocorre no português brasileiro, a maioria dos compostos possui ao menos dois acentos

fonológicos, podendo apresentar três acentos (*aluvu-sê-fya* ['aluvu 'se 'fja] 'árvore sem folha *Euphorbia tirucalli*'), com exceção apenas de um composto que apresenta somente um acento (*blaga-ubwa* [bla'gubwa] 'insignificante, pobre'). Ademais, *blaga-ubwa* [bla'gubwa] trata-se de um composto constituído com o auxílio da aglutinação que gera perda segmental de pelo menos um dos itens envolvidos. No exemplo mencionado, a aglutinação não foi demonstrada graficamente, mas observada na realização do item em que o [a] final de *blaga* é elidido em favorecimento do [u] inicial do segundo constituinte, *ubwa*. Em termos de padrões de formação composicional dos itens analisados, em santome, os compostos foram, majoritariamente, constituídos por justaposição (sem alteração nos componentes e manutenção dos acentos fonológicos) em detrimento da aglutinação (com perda segmental e redução dos acentos fonológicos), que ocorreu em apenas um caso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise, ainda que de forma incipiente, sobre a composição, tema pouquíssimo citado na literatura nos crioulos do Golfo da Guiné, nos possibilitou a observação de padrões e mecanismos morfossintáticos e semânticos de formação de palavras em santome. Por conseguinte, tal observação permitiu também que pudéssemos corroborar o dinamismo e autonomia do santome.

Quanto ao processo de composição na língua mencionada, com base no *corpus* analisado, observamos que os compostos se enquadram em três classes, sendo majoritariamente nomes, seguidos por adjetivos e um advérbio. No que tange à estrutura, em concordância com a literatura, algumas estruturas foram catalogadas, a saber: N + N, N + V, N + ADJ, N + PREP + N, V + N, ADJ + ADJ e ADV + V, salientamos que todos os compostos analisados foram encontrados graficamente separados por hífen. Testes foram realizados, utilizando como parâmetro critérios citados pelos teóricos como impenetrabilidade, inseparabilidade e inalterabilidade sintática, sendo que todos os compostos coletados se comportaram como uma palavra única conforme era previsto. O critério de flexão de plural não pôde ser aplicado aos dados, tendo em

vista que, em santome, não há marcação de plural por meio de desinências. Quanto ao acento, no *corpus* examinado, os compostos em santome apresentam mais de um acento fonológico, com exceção de um dado (*blaga-ubwa* [bla'gubwa] 'insignificante, pobre').

Entendemos que este estudo, longe de encerrar os estudos a respeito de formação de palavras em santome, deve ser considerado um ponto de partida, haja vista que foi um estudo de caráter amostral. Ainda há muito o que se aprofundar na temática. Por seu ineditismo, acreditamos que a pesquisa pode apontar caminhos para estudos futuros no sentido de expandir e respaldar as análises aqui empreendidas.

### Referências

- AGOSTINHO, A. L. **Fonologia e método pedagógico do lung'le**. 2014. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- AGOSTINHO, A. L.; BANDEIRA, M; FREITAS, S. Línguas crioulas e o papel da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe. In: CONEGLIAN, S. I. C de V.; SOUZA, F. M. de. **Lusofonias em Debate**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020. p. 63-86.
- ARAUJO, G. et al. Fa d'ambô: língua crioula de base portuguesa de Ano Bom. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.55, n.2, p.25-44, 2013.
- ARAUJO, G. & HAGEMEIJER, T. **Dicionário Santome-Português/ Português-Santome**. São Paulo: Hedra, 2013.
- BANDEIRA, M. & FREITAS, S. A reduplicação no papiamentu. **PAPIA**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 323-334, 2012.
- BANDEIRA, M. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. 2016. 440f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- DOKE, C. M. **Bantu Linguistic Terminology**. London: Longman, 1935.

- FACTBOOK, Cia. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publica>. Acesso em: 20 maio 2013, 2009.
- FERRAZ, L. I. A Linguistic Appraisal of Angolar. **Memoriam Antônio Jorge Dias**, v. 2, p. 177-186, 1974.
- FERRAZ, L. I. **The creole of São Tomé**. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.
- FREITAS, S. & BANDEIRA, M. Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu. **Estudos linguísticos** (São Paulo), v. 45, n. 1, p. 242-256, 2016.
- FREITAS, S.; BANDEIRA, M.; AGOSTINHO, A.L. A migração caboverdiana para São Tomé e Príncipe: condições de vida e percepções. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, e482, 2021.
- GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formações de palavras**. 2012.
- GUEDELHA, C. A. M. Tabus linguísticos como motivação na formação de palavras do PB. **Working papers em linguística**. Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 49- 68, jul-dez 2011.
- GÜNTHER, W. **Das Portugiesische Kreolisch der ilha do Príncipe**. Marburgo: Marburg an der Lahn, 1973.
- HAGEMEIJER, T. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In: ABOH, E. & SMITH, N. (Ed.). **Complex processes in new languages**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 29-50.
- HAGEMEIJER, T. et al. **Santome corpus**. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), 2014.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). 2012. **São Tomé e Príncipe em Números**. São Tomé: 2001. Disponível em: <https://www.ine.st/index.php>. Acesso em: 20 maio 2013.
- LEE, S. Sobre os compostos do PB. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-33, fev. 1997.
- LIEBER, R. & STEKAUER, P. Introduction: Status and Definition of Compounding. In: LIEBER, R. & STEKAUER, P. (Ed.). **The Oxford Handbook of Compounding**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 1-15.
- MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R. de C. M. F. **Morfologia do Português**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.
- MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do Português**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SILVA, T. **Formação de palavras compostas em português brasileiro: uma análise de interfaces**. Porto Alegre, 2010.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.